

A recepção crítica à obra de Augusto dos Anjos

Henrique Duarte Neto
Mestrando em Literatura - UFSC

A ambição-mor do presente trabalho é a de apresentar dois tipos de crítica que procurarei mostrar como antagônicas na análise da obra de Augusto dos Anjos, a saber, a crítica apologética-impressionista e a crítica madura.

Este texto apresenta três movimentos, a saber, um primeiro de contextualização histórica da época em que se deu a obra de Augusto dos Anjos, a chamada *Belle Époque*. Um segundo versando sobre a crítica apologética e impressionista e um terceiro sobre a crítica madura.

A obra de Augusto dos Anjos surgiu em uma época singular dentro da história da literatura brasileira, a chamada *Belle Époque*. Período de transição caracterizado pelo ecletismo, a *Belle Époque* está situada entre o fim do simbolismo e do parnasianismo e o surgimento do modernismo. Esta caracterização nos é dada por Massaud Moisés: “A partir de 1902, quando vieram a público o *Canaã*, de Graça Aranha, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, a segunda edição da *História da Literatura Brasileira*, de Silvio Romero, a miscigenação tornou-se intensa, configurando-se o período que alguns historiadores denominam de Pré-Modernismo, ou Ecletismo, ou Sincretismo e Transição, mas que preferimos

A recepção crítica à obra de A. Anjos

rotular de *Belle Époque*. Anos complexos, protéicos, interregno entre o século XIX agonizante e o despertar da modernidade, neles o ímpeto simbolista, vulnerável às novas idéias, perde nitidez e força²¹. Portanto, guiando-se por esta tese, que não é a única, a *Belle Époque* durou cerca de vinte anos, de 1902 a 1922.

Este período é rotulado como um momento de eclipse dentro da nossa literatura, ou seja, é uma época que não se caracterizaria pela originalidade e nem pela quebra de velhos padrões, mas, pelo contrário, pelo epigonismo, pelo academicismo, pela reprodução do já existente. Esta visão parece-me um pouco exagerada hoje, mas possui um certo grau de verdade na medida em que raros foram realmente os grandes talentos surgido nesta época na nossa prosa e na nossa poesia.

Ao se pensar em *Belle Époque* parece ser natural caracterizá-la também pela presença de uma certa frivolidade, de um certo otimismo grosseiro em face da realidade. Esta visão é verossímil ao ser relacionada com asserções como estas de Gentil de Faria: “O escritor funciona nesta ‘belle époque’ como um verdadeiro jogral da sociedade, destacando-se pelo pitoresco, e, por vezes, pelo anedótico”²². E ainda: “Fruto deste ambiente natural, Afrânio Peixoto, chega a conceber a literatura como o ‘sorriso da sociedade’”²³.

A principal crítica que talvez possa ser feita ao período é a de que nele esqueceu-se o plano nacional, ficando-se na mera “cópia” do que foi produzido na Europa, principalmente na França. Foi uma época, portanto, que não possuiu bases estéticas sólidas, tendo sido suscetível sempre aos modismos que vinham do estrangeiro.

Nesta época, tão pouco propícia à originalidade, à ousadia, à iconoclastia, surgiu a obra de Augusto dos Anjos. E é natural que sua obra não tenha sido valorizada, pois foi um extemporâneo. Mas, por isso mesmo, foi um dos maiores nomes não só do período (quicá o maior) como também de toda literatura nacional.

Parece ser contraditório que um autor seja um nome de

destaque em período tão avesso ao seu ideário, mas isto foi o que aconteceu com Augusto dos Anjos, que nos seus poemas apresentou-nos uma temática completamente nova, original, supratemporal. Mostra-se deveras interessante neste momento trazer à baila a visão de Massaud Moisés sobre a relação de Augusto dos Anjos e sua época: “Colocada simetricamente, do ponto de vista cronológico, a meio caminho entre o início da belle époque, com *Canaã* (1902), e a instalação do movimento modernista (1922), a obra de Augusto dos Anjos funciona como sismógrafo do período: epicentro da belle époque, porquanto veio a lume em 1912, é também seu símbolo, mas ao mesmo tempo, e por isso, foge de uma caracterização unívoca. Dir-se-ia que, quanto mais se identifica com a belle époque, ou o art nouveau, mais se afigura insólita na paisagem da época, como se a plena realização do ideário em voga equivalesse a negá-lo ou superá-lo”²⁴.

É através de visões como esta que se vê a magnitude e importância do poeta do *Eu*, verdadeiramente um nome *sui generis* dentro da literatura brasileira. Massaud Moisés ressalta muito bem a dificuldade de se ver a obra de Augusto dos Anjos através de um único prisma, pois ela não está construída a partir dos ditames de uma escola em especial, mas, pelo contrário, ela é multifacetada devido ao caráter essencialmente individual do poeta, caráter este que lhe dá autonomia, que constrói a sua originalidade.

Inúmeras são as influências detectadas pelos críticos na obra de Augusto dos Anjos, porém, estas mesmo quando verossímeis em nada apagam o brilhantismo e a originalidade do poeta, mas, pelo contrário, em muito evidenciam quão relevante e profunda é sua obra.

Percebe-se assim que Augusto dos Anjos não sofreu a influência de sua época, ou melhor, que ela não foi a determinante de sua obra. Se o ecletismo e o sincretismo são características da *Belle Époque*, o poeta do *Eu* não se deixou influenciar por elas, pois se tivesse sido, estaria fadado a ser um epígono. Contudo, como já foi evidenciado, é a originalidade temática um de seus traços marcantes que deve ser sublinhado com insistência. na

A recepção crítica à obra de A. Anjos

medida em que se deu em ambiente hostil e tão pouco propício à criação artística original.

As primeiras críticas à obra de Augusto dos Anjos apresentaram-se generosas em elogios, mas sem profundidade, muitas vezes mais biográficas que temáticas, mais impressionistas que estéticas. A relevância de se analisar estas críticas reside principalmente no fato de algumas delas terem sido as primeiras a tecerem comentários acerca da obra do poeta do *Eu*, de terem sido as primeiras a entrar em contato com um mundo poético totalmente novo, mundo este marcado pelo signo da estranheza, do fascínio e da originalidade. A abordagem destas críticas aqui realizada, limita-se ao período de 1914 (ano da morte do poeta) a 1941, período de vinte e sete anos em que desfila um verdadeiro leque de críticas, marcadas por uma certa imaturidade, pela falta de um rigoroso espírito crítico, fadadas a serem consideradas como sub-críticas.

Em parte é natural que elas tenham sido marcadas pela apologia, pois a figura de Augusto dos Anjos em todas as épocas mereceu uma visão positiva da maior parte da crítica séria. Também é natural, na medida em que críticos como Órris Soares, Agripino Grieco e José Oiticica foram amigos pessoais de Augusto dos Anjos, portanto, pessoas que possuíam o “dever” de elevar o nome do poeta. Assim, não havia o necessário distanciamento crítico, o que originou uma crítica do aplauso fácil, sem profundidade por não abordar de forma adequada a riquíssima temática da obra augustiana.

Este tipo de crítica também costuma enfatizar aspectos físicos e psíquicos do poeta que teriam influenciado na sua obra, o que, como se verá mais tarde, chegou a ser retratado com obsessão pelos apologistas, configurando o impressionismo destes. É verdade que no caso de Augusto dos Anjos na maioria das vezes a crítica tende a ressaltar o binômio vida-obra, até porque a sua obra dá grande margem para este tipo de interpretação.

O primeiro dos chamados apologistas foi Antônio Torres⁵, crítico que escreveu seu artigo sobre Augusto dos Anjos logo após

228

a morte do poeta. Sua crítica embora traga restrições à estilística, ressalta a grandeza de suas idéias, o poder de sua erudição e de sua argúcia. Maximiza influências como as de Haeckel e de Spencer, cientistas muito em voga na época e que realmente deixaram marcas profundas no ideário do poeta, principalmente no que tange ao seu monismo e ao seu materialismo. Sua crítica, contudo, fica por vezes muito presa a aspectos da personalidade e do caráter de Augusto dos Anjos, como quando assim afirma: “de uma honestidade sem limites, de uma pureza que, neste país e nestes tempos, devia ser vibrada aos quatro ventos da terra em clarinadas triunfais por trombetas de prata”⁷⁶. Elogios desmedidos, síndrome de um apologista que tende a fazer crítica impressionista.

Antônio Torres mostra-se atento quando registra a ausência da temática do amor na poesia de Augusto dos Anjos. Ausência esta que foi notada por outros críticos. Porém, mostra guiar-se pela mera impressão, ou melhor, pela sua subjetividade quando nos diz: “o mesmo pessimismo que o fazia detestar a Vida, como é fácil verificar compulsando seu livro, fazia-o também ter pelo ‘amor’ o mais profundo desprezo”⁷⁷.

Talvez até mais que a apologia o impressionismo seja o traço marcante da crítica de Antônio Torres. Percebe-se esta tendência quando ele nos explica a razão do título de seu artigo: “Eis por que (sic) lhe chamo o ‘poeta da morte’, porque não amava a Vida nem o Amor. Estava no seu direito, ou melhor, na sua fatalidade”⁷⁸. Este excerto mostra-se assaz relevante na medida em que além de assinalar a influência diretíssima da vida sobre a obra no poeta do *Eu*, também de certo modo ajudou a propagar uma certa mitologia em torno da pessoa do poeta, a do homem que sente ojeriza pela vida e que cultua os sentimentos mais escabrosos e terríficos.

Deve-se registrar que na época de sua crítica, Antônio Torres só conhecia os poemas do *Eu*, ou seja, da primeira edição de 1912. Foi somente com a segunda edição de 1920, que foram acrescentadas as *Outras Poesias*, sendo que se apresentou, a partir daí, pela influência de Órris Soares (prefaciador desta edição), o livro com o título de *Eu e Outras Poesias*. Assim, aquele crítico

A recepção crítica à obra de A. Anjos

não possuía a visão de toda a poesia augustiana na época em que teceu suas considerações, o que pode ter contribuído em certa medida para o fragmentarismo e a insuficiência de sua visão acerca do poeta.

Com certeza o grande feito do crítico Órris Soares⁹ foi o de ter publicado poemas inéditos de Augusto dos Anjos, poemas estes que com certeza seriam a matéria de um segundo livro do poeta, que a morte impossibilitou. Quanto a seu prefácio, ele mostra-se de grande importância, pois acompanha todas as sucessivas edições do *Eu* e também porque foi muitas vezes citado por outros críticos como ponto de referência. Contudo, apesar desta enorme contribuição dada à história da literatura brasileira, o conteúdo do texto não é dos melhores, pois a sua apologia é feita de forma acentuada.

O enaltecimento é feito já nas primeiras linhas, quando apresenta esta caracterização física do poeta: “Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelética - faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada. A boca fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristura e nos lábios uma críspação de demônio torturado”¹⁰. É em asserções como esta que se nota a tendência em buscar nos fatores extrínsecos à obra a chave para a sua compreensão. Percebe-se, também, a tendência de pintar o poeta como um herói, como alguém que decifra a verdade acerca da realidade e tem que pagar o preço desta perspicácia. Caracterizações como estas, feitas por Órris Soares, servem mais para criar falsas impressões do que para desvelar a essência da obra poética.

O aplauso fácil também se lhe afigura uma característica. Nota-se isto neste elogio à estilística e à temática augustiana: “Mesmo quando a lira parece delirar, solta por mundos da imaginação, não há nas toadas a menor incoerência. Todas se entrecruzam de maneira que a urdidura das proposições forma verdadeiro corolário de idéias”¹¹. Mesmo sendo o elogio algo natural ao se falar de um poeta do porte de Augusto dos Anjos, este parece ser motivado mais por admiração do que por reflexão

crítica. O que parece ser mais perigoso na crítica de Órris Soares e em muitas outras críticas, é a confusão que se faz entre vida e obra, perdendo-se a fronteira entre estes dois pólos. No nosso crítico isto fica assim explicitado: “O título do livro vale por uma autopsicologia. É um monossílabo que fala. Este aqui, então, diz tudo, pintando de pincel a alma e o físico do autor”¹². Acredito que na obra de qualquer artista esta possui em relação à vida pelo menos um certo grau de autonomia, cabendo aos dados biográficos apenas esclarecer pontos obscuros, contudo, nunca abarcar o todo da obra.

Os pontos mais positivos (que não são muitos) da crítica de Órris Soares dão-se quando ele procura versar sobre temas da poesia augustiana, usando para reforçar suas teses exemplos extraídos da própria obra do poeta. Assim é quando nos fala acerca do tema da dor: “Teve da dor a compreensão flagrante, sendo o seu coração, por ultrasensível, uma fonte inesgotável de aflições”¹³. E nos cita este excerto do soneto “Hino à dor”:

És suprema! Os meus átomos se ufanam
De pertencer-te, oh! Dor, ancoradouro
Dos desgraçados, sol do cérebro, ouro
De que as próprias desgraças se
engalanam!”¹⁴

Porém, esta crítica não pode ser qualificada de estética, pois não procura abranger o todo da obra de arte, buscando auxílio de fatores extrínsecos a esta em momentos muitas vezes impróprios.

Já no que tangê à crítica de João Ribeiro¹⁵, dela pode-se dizer que segue uma via ainda mais impressionista. Surgida no mesmo ano da de Órris Soares, chega a fazer referência a esta: “É muito esquemática e demasiado apriorística”¹⁶, menos propensa ao elogio, parece, entretanto, ser inferior em profundidade às anteriores.

Começa sua crítica de forma semelhante às demais, apontando a relevância da poesia augustiana: “Augusto dos Anjos

A recepção crítica à obra de A. Anjos

foi um dos mais inspirados poetas da geração nova”¹⁷. Porém, esta visão positiva está amparada na concepção de que foi a doença do poeta a determinante de sua obra, como está assim caracterizado: “Era um doente que cantava a própria miséria do sofrimento sem esperança”¹⁸. João Ribeiro enfatiza apenas um aspecto na sua crítica, a saber, o contexto. Aquilo que deve servir como auxiliar da compreensão do texto é aqui enaltecido de maneira equivocada.

Com certeza, de todas as críticas deste capítulo, a de João Ribeiro é a mais impressionista, a mais superficial, usando o adjetivo que ele próprio utilizou, é por demais “apriorística”. O desvelamento do ser da obra literária parece ser inviável quando nos propõe concepções como esta: “Parece-nos, pois, que a doença basta para explicar a excentricidade do poeta”¹⁹. Nada aqui é explicitado, pelo contrário, é sim ocultado, obscurecido, perdendo-se a preocupação com a dimensão estética da poesia augustina.

Não é exagero afirmar que Agripino Grieco²⁰ foi, dentre os primeiros críticos de Augustos dos Anjos, o melhor. Debruçou-se com mais atenção sobre o léxico da poesia augustiana, procurando tematizar através de comentários embasados na exemplificação tirada desta poesia. Entretanto, o impressionismo e a apologia estão presentes em muitos momentos. É impressionista e apologética a seguinte asserção: “O pessimismo do autor fascina-nos como um poço de sombras. É que o obsedavam o horror à morte, o pavor da decomposição, e, não raro, sentia ele nas rosas mais fragrantes um fedor a queijos podres ou a carnes humanas tocadas pela sânie final”²¹.

Parece-me, realmente, que os momentos mais felizes desta crítica residem quando de alguma forma ele procura explorar a temática augustiana, amparando-se, como já foi falado, em exemplos desta poesia. Isto parece ser verdadeiro quando nos fala acerca do soneto *Versos íntimos*: “Mas os ‘Versos íntimos’, estes articulam um grito de pessimismo, de irremediável niilismo moral, encerram um conselho à náusea por todas as carícias, ou antes, um convite à ferocidade implacável”²². E nos cita o próprio

soneto:

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera,
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-se à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!”²³

É uma pena que Agripino Grieco explore pouco, ou pelo menos não tanto como devia, a temática da poesia augustiana. Sua crítica possui em alguns momentos verdadeiros lampejos de brilhantismo, mas na maioria das vezes é rasa, carecendo da necessária exploração acerca da temática filosófica e científica da poesia de Augusto dos Anjos.

O último dos apologistas impressionistas a ser abordado neste capítulo é José Oiticica²⁴. Amigo do poeta, apresenta-nos a crise financeira, em vez da doença, como sendo um fator externo determinante da sua obra. Isto está assim explicitado quando nos fala acerca dos fatores que condicionaram a obra do poeta do *Eu*: “Um deles foi de ordem material, foi a penúria. Conheci Augusto numa fase horrível para nós ambos”²⁵. Em outro ponto insiste nesta tese: “O que atenazou a alma do poeta foi a luta pelo vil dinheiro”²⁶.

A recepção crítica à obra de A. Anjos

Penso que ao defender posicionamentos como este, o crítico perdeu qualificação, pois sua crítica perde o *status* de crítica propriamente dita, para afigurar-se como uma espécie de subcrítica, algo que é mais ilustrativo e informativo do que teórico. É também, como se vê nestes exemplos, uma crítica sociológica, pois o meio social, a realidade lúgubre em que vivia o poeta, é apontada como a determinante de sua obra.

Quanto ao seu caráter apologético, José Oiticica nos dá exemplos como este: “Vê-se, por aí, sobre a nomenclatura rígida e científica, no entrechocar de termos crus e imagens por vezes repulsivas, quanto esoterismo, quanto pensamento superior, quanta clarividência instintiva”²⁷. Eis uma crítica na qual aflora mais o registro do que o comentário crítico substancioso, mais o relato do que a exploração do ideário do poeta do *Eu*.

Vê-se, portanto, que estas cinco críticas enfatizam o aspecto genealógico da obra de Augusto dos Anjos, estando mais presas ao contexto do que à estrutura do texto. É um tipo de crítica que se não ressalta como devia a questão temática, menos ainda falamos da estilística augustiana. Se reconhece a profundidade e o brilhantismo de Augusto dos Anjos, não o faz de maneira verdadeiramente crítica, mas sim através do aplauso apologético.

Pode-se, a priori, definir a crítica madura como sendo aquela que procura analisar o fenômeno literário de forma mais ampla, buscando decodificar as várias facetas deste, procurando, principalmente, desvelar o seu caráter eidético. No Brasil, a crítica que aqui chamo de madura, pode ser denominada de “nova crítica”. Surgida a partir dos anos 50, tendo à frente o crítico Afrânio Coutinho, ela representou uma revolução em termos de crítica literária no país.

Se até fins dos anos 40 a crítica tendia ao amadorismo, ao impressionismo e mesmo, muitas vezes, a uma forte influência dos padrões europeus, com o advento desta nova escola crítica o panorama mudou completamente. Os cursos de literatura a partir dos anos 50 e 60 difundiram-se muito nas universidades brasileiras, daí surgindo novos valores. Portanto, a crítica literária passou a

ganhar o *status* de profissão, perdeu o antigo amadorismo, pois em vez dos próprios poetas e prosadores serem os críticos, agora, na sua maior parte, os críticos passaram a ser os professores e a pesquisa literária ficou restrita ao âmbito da universidade.

Já no que tange à sua abordagem, a “nova crítica” procurou superar o impressionismo, tendo como diretriz a preocupação e o enfoque essencialmente estético. Buscou-se, também, uma certa autonomia em relação às influências estrangeiras, visando a construção de uma crítica nacionalista. Nacionalista mas com aspiração à universalidade, ou seja, um nacionalismo avesso ao regionalismo.

Dos chamados críticos maduros da obra de Augusto dos Anjos, o primeiro que aparece em ordem cronológica é José Escobar Faria²⁸. Apesar de deixar transparecer resquícios de impressionismo, é crítica rica em matéria de tematização. Embora não explore de forma aguda, trata também de versar sobre a estilística da poesia augustiana: “Mas não foi Augusto dos Anjos apenas o precursor de uma possível poesia científica. Foi também o precursor de certas construções formais em tudo alheias a seu tempo. Usou dos metros com liberdade, metrificando sem sacrificar a emoção e o tema”²⁹. Fala também do arsenal moderno de palavras novas empregados nesta poesia e ressalta que, passado já muito tempo, estas palavras soam moderníssimas.

José Escobar Faria defende também certas concepções acerca do poeta do *Eu* inteiramente novas, como a tese de que há uma poesia científica em Augusto dos Anjos, amparando esta nas já muitas faladas influências de Haeckel, Darwin e Spencer. Portanto, neste ponto, foi mais fundo na exploração de um tema acerca desta poesia. Também procura explorar outros temas, a saber, o humor negro e o conflito monismo-dualismo. Outro traço positivo desta crítica é que ela se vale da poesia augustiana para exemplificar e reforçar suas teses. Isto se dá quando nos apresenta uma das características desta poesia: “A catarse, outra essencial característica, não podia ausentar-se”³⁰. E para reforçar a caracterização nos oferece este fragmento do soneto “Insônia”:

A recepção crítica à obra de A. Anjos

Se eu pudesse ser puro! Se eu pudesse
Depois de embebedado deste vinho,
Sair da vida puro como o arminho
Que os cabelos dos velhos embranquece!”³¹

Esta crítica é avessa ao elogio fácil, à apologia e, na maioria das vezes, ao impressionismo. Tende a ser mais analítica do que opinativa, mais exemplificativa do que dissertativa. É, em suma, crítica mais rica em poder de elucidação e de compreensão da poesia augustiana do que as abordadas anteriormente.

Outro crítico que se enquadra neste tipo de análise é Eudes Barros³². Em seu texto sobre Augusto dos Anjos procura, basicamente, apresentar pontos de convergência e divergência entre este poeta e Baudelaire. E faz isto de modo eficiente, tematizando com o auxílio das duas obras. Por exemplo, quando fala do tema da autofagia: “Percebe-se em ambos um complexo que escapou a Freud - o da autofagia. Manifestação que seria abominável sem o milagre da transfiguração artística. Baudelaire, no soneto “*Un fantôme*”, compara-se a um cozinheiro de apetites fúnebres: “Eu cozinho e como o meu coração” (“Je fais bouillir et je mange mon coeur”). Augusto não fica atrás. No soneto “Solilóquio de um visionário”, escreve: “Comi meus olhos crus no cemitério, Numa antropofagia de faminto!”³³

A exploração de temas que Eudes Barros diz serem comuns aos dois poetas é feita de forma clara e convincente, amparando-se mais na obra do que na vida, mais no texto do que no contexto.

Contudo, ao caracterizar estas afinidades não procura demonstrar que Augusto dos Anjos sofreu influência direcionadora de Baudelaire, mas sim que são dois artistas originais que possuem algumas semelhanças. Isto está evidenciado quando nos diz: “São, todavia, dois temperamentos poéticos essencialmente díspares. Suas aproximações, suas similitudes temáticas limitam-se à poetização do patológico, do repugnante, do pútrido, da decomposição mortuária nos termos realistas e crus que sucederam ao lirismo romântico”³⁴. Assim, sua crítica não está pautada na

famigerada busca por influências de um sobre o outro, mas sim na apresentação de temas comuns, o que é salutar para um melhor julgamento estético da obra literária.

De todas as críticas deste breve estudo, a que parece ser a mais completa, a que parece ver a obra de Augusto dos Anjos por ângulos mais interessantes, é a de Anatol Rosenfeld³⁵. Crítica assaz interessante, pois faz uma análise mais intrínseca do que extrínseca, dando um merecido enfoque tanto à forma como também ao conteúdo da obra.

No que tange à questão temática, o ponto de maior relevância é a apresentação de algumas características importantes da poesia de Augusto dos Anjos: a metafórica grotesca, a exploração do incoerente, a presença de certo exotismo na expressão poética, como também a presença do esdrúxulo e do dissonante. É interessante também a relação que faz entre Augusto dos Anjos e certos poetas expressionistas alemães, como Trakl, Georg Heym e Gottfried Benn. Principalmente em relação ao último, assinala várias afinidades, como nesta asserção: “Em conexão com a terminologia clínico-científica - que, sem ser monopólio desses dois poetas, é por eles usada com insistência excepcional - na qual se disseca e desmonta ‘a glória da criação, o porco, o homem’ (Benn), ‘o filho do carbono e do amoníaco’ (Augusto). Esse ‘feixe de mônadas bastardas’ desagrega-se em ‘o tato, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto’, aparecendo numa tasca até ‘a mandíbula inchada de um morfético’ (Augusto), enquanto nas tavernas de Benn ‘os dentes verdes (de um rapaz) ... acenam a uma conjuntivite’ (pertencente a uma moça)”³⁶. Anatol Rosenfeld demonstra de forma feliz a presença de atmosfera sombria e tenebrosa na obra destes dois poetas, deixando transparecer que foram dos primeiros artistas a criarem uma nova forma de ver o belo, a saber, o belo no dissonante, o belo na deformação, o belo no hediondo, enfim, o belo no radicalmente feio. E na caracterização desta poesia lúgubre e pessimista, o crítico nos aponta de forma coerente o parentesco entre Schopenhauer e Augusto dos Anjos, plausível quando se

A recepção crítica à obra de A. Anjos

pensa na visão acerca da vida que se constata nestes dois autores.

Centrando a atenção no âmbito interno da obra augustiana, Anatol Rosenfeld mostra-se isento de impressionismo, estando mais preocupado com a análise estética do que com a biográfica. E é por procurar tematizar que este crítico presta uma homenagem muito maior a Augusto dos Anjos do que os apologistas. Explorando a rica fonte temática presente nesta poesia, Anatol Rosenfeld ajuda a elevar o nome do nosso poeta.

Verificou-se, assim, que mesmo em menor número, as críticas dos anos 50 e 60 aqui abordadas são superiores em termos de consistência analítica às das décadas anteriores. Enquanto a crítica apologética exalta o homem Augusto dos Anjos, a crítica madura pauta-se pela serenidade, pela tematização, pelo distanciamento crítico, pela exaltação não do homem Augusto dos Anjos, mas sim do ideário contido em sua obra.

Poder-se-ia, também, neste momento acrescentar a tudo o que já foi dito, o fato de que Augusto dos Anjos muitas vezes parece ter sido melhor julgado pelo leitor do que pela crítica. Prova disto são as inúmeras edições do *Eu*, sucesso de vendas desde longínquas épocas, como nos é relatado por Medeiros e Albuquerque em 1928: “este agora é o de Augusto dos Anjos, cujo livro representa o mais espantoso sucesso de livraria dos últimos tempos: três mil volumes escoados em quinze dias!”³⁷. Portanto, se o papel da crítica é importante para a consagração de um escritor, o do público leitor é muitas vezes ainda mais importante.

NOTAS

1 Massaud Moisés, p. 3-4.

2 Gentil de Faria, p. 74.

3 Ibid., p. 74

4 Massaud Moisés, p. 239.

5 *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 27 dez. 1914.

6 Antônio Torres, p. 56.

- 7 Ibid., p. 57.
- 8 Ibid., p. 58.
- 9 *Eu (Poesias Completas)*. Imprensa Oficial da Paraíba, 1920.
- 10 Órris Soares, p. 60.
- 11 Ibid., p. 69.
- 12 Ibid., p. 64.
- 13 Ibid., p. 61.
- 14 Ibid., p. 61.
- 15 *Imparcial*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1920.
- 16 João Ribeiro, p. 76.
- 17 Ibid., p. 73.
- 18 Ibid., p. 73.
- 19 Ibid., p. 76.
- 20 *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 set. 1926.
- 21 Agripino Grieco, p. 82-83.
- 22 Ibid., p. 88.
- 23 Ibid., p. 88.
- 24 *A Manhã*, supl. Lit. "Autores e livros". Rio de Janeiro, 30 nov. 1941.
- 25 José Oiticica, p. 112.
- 26 Ibid., p. 112.
- 27 Ibid., p. 113.
- 28 *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, 1/1-2, jun. 1956.
- 29 José Escobar Faria, p. 146.
- 30 Ibid., p. 148.
- 31 Ibid., p. 148.
- 32 *Diário de Notícias*, Supl. Literário. Rio de Janeiro, 6 dez. 1964.
- 33 Eudes Barros, p. 176.
- 34 Ibid., p. 175.
- 35 Anatol Rosenfeld (1969). *Texto/Contexto* ed. Perspectiva, São Paulo, p. 259/266.
- 36 Anatol Rosenfeld, op. cit., p. 186-187.
- 37 Medeiros e Albuquerque, p. 89.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Medeiros e. (1996). “O livro mais estupendo: o Eu”. In: Augusto dos Anjos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p. 89-97.
- BARROS, Eudes. (1996). “Aproximações e antinomias entre Baudelaire e Augustos dos Anjos”. In: Augusto dos Anjos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p. 174-179.
- FARIA, Gentil de. (1988). *A presença de Oscar Wilde na Belle Époque literária brasileira*. São Paulo, Pamartz.
- FARIA, Escobar. (1996). “A poesia científica de Augusto dos Anjos”. In: Augusto dos Anjos, *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p. 141-149.
- GRIECO, Agripino. (1996). “Um livro imortal”. In: Augusto dos Anjos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p.81-89.
- MOISÉS, Massaud. (1985): *História da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, v. 3, Simbolismo.
- OITICICA, José. (1996). “Augusto dos Anjos”. In: Augusto dos Anjos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p. 112-113.
- RIBEIRO, João. (1996). “O poeta do ‘Eu’”. In: Augusto dos Anjos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p.73-76.
- ROSENFELD, Anatol. (1996). “A costela de prata de A. dos Anjos”. In: Augusto dos Anjos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p. 186-190.
- SOARES, Órris. (1996). “Elogio de Augusto dos Anjos”. In: Augusto dos Anjos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p. 60-73.
- TORRES, Antônio. (1996). “O poeta da morte”. In: Augusto dos Anjos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, p. 52-60.